

**XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012**

**GT 5**

**OS AMBIENTES WIKI: INTERAÇÃO, DISCURSO E GENEROSIDADE NAS REDES SOCIAIS.**

**Comunicação Oral**

Clóvis Ricardo Montenegro de Lima - IBICT

Marcio Gonçalves - PPGCI do IBICT/UFRJ

Mariana Meirelles - PPGCI do IBICT/UFRJ

Bruno Lara de Castro Manso - PPGCI do IBICT/UFRJ

clovismlima@gmail.com

## **OS AMBIENTES WIKI: INTERAÇÃO, DISCURSO E GENEROSIDADE NAS REDES SOCIAIS.**

### **RESUMO**

Neste artigo discutem-se aspectos das interações sociais, mediadas pelo discurso e motivadas pela generosidade, características dos ambientes *wiki* surgidos através da internet. A partir da perspectiva das teorias do agir comunicativo e do discurso de Habermas, discutem-se questões referentes ao poder e riqueza na sociedade em rede. Enfatizam-se os aspectos relacionados a trabalho imaterial, produção colaborativa e economia da dádiva. Através da descrição dos ambientes *wiki* procura-se demonstrar como as práticas colaborativas expressam novas formas de interação social, onde atores e grupos se comunicam, discutem e produzem. Os ambientes *wikis* podem ser espaços privilegiados dos processos de produção de conteúdo, compartilhamento de informação e formação da opinião pública.

**Palavras-chave:** Interação. Discurso. Sociedade em rede. Redes sociais. Wiki.

### **ABSTRACT**

This paper discusses aspects of social interactions, mediated discourse and motivated by generosity, characteristics of *wiki* environments encountered in the internet. From the perspective of Habermas theories of communicative action and discourse, we discuss issues related to power and wealth in the network society. We emphasize aspects related to immaterial labor, collaborative production and gift economy. Through the description of *wiki* environments we seek to demonstrate how collaborative practices express new forms of social interaction, where actors and groups communicate, discuss and produce. *Wiki* environments can be privileged spaces of the processes for content production, sharing information and shaping public opinion.

**Keywords:** Interaction. Discourse. Network society. Social network. Wiki.

## **1 INTRODUÇÃO**

Neste artigo desenvolve-se a discussão sobre como a sociedade em rede opera as dinâmicas de informação e comunicação, o que ser observado na produção e compartilhamento de conteúdos na web (rede). Este novo modo de operar permite que os atores sociais participem ativamente na comunicação e na produção de informação. Quer-se situar as interações na rede enquanto formas especiais de uso social da linguagem e ações constitutivas da realidade social,

Busca-se entender a constituição dos indivíduos, das ações e das interações de forma a situar o papel da agência e das práticas na constituição de um mundo comum através dos argumentos de Vandenbergue (2010, p.94-95, p. 154-155, p. 157-158). As teorias do agir comunicativo e do discurso de Habermas fornecem os meios para compreender as funções da linguagem e as situações de interação.

Discutem-se as dinâmicas sociais e organizacionais de produção e compartilhamento de informação nas relações entre mundo da vida e do sistema (Habermas, 1990), nas redes (Vandenbergue, 2010), no trabalho imaterial (Hardt e Negri, 2005), na produção colaborativa (Benkler, 2006) e na economia da dádiva (Barbrook, 2003; Caillé, 2002; Godbout, 1998; Mauss, 2001). Finalmente, faz-se descrição e análise dos ambientes wiki, onde se pode observar situações de interação, discurso e colaboração generosa.

## **2 INTERAÇÕES MEDIADAS PELAS LINGUAGEM E DISCURSO**

A teoria social de Habermas oferece a possibilidade de analisar a constituição da ordem social privilegiando o lugar do agente. Esta perspectiva pressupõe que “a sociedade é impossível sem indivíduos que estabilizem as relações sociais e mantenham a sociedade unida” (VANDENBERGUE, 2010, p. 94-95). Entretanto, o papel do agente não está reduzido à simples reprodução da sociedade, mas também a sua transformação. Cada situação de ação e interação tem potencial contingente de mudança, e existem também

momentos ocasionais de ruptura consciente e desejada com a ordem vigente. (VANDENBERGUE, 2010, p. 154-155). Privilegiar o papel da agência implica em considerar que a realidade social é fruto das práticas. São elas que constituem a realidade como mundo comum:

Enquanto princípios motores do mundo, as práticas são formadoras e constitutivas: elas constituem os indivíduos, as ações, as interações, o mundo da vida, a linguagem, a cultura, as instituições, as organizações, as estruturas e os sistemas sociais. (VANDENBERGUE, 2010, p. 157-158)

Habermas considera que as práticas constitutivas da realidade social estão ancoradas na linguagem:

A linguagem desenvolve operações constitutivas não apenas no nível dos modelos de interpretação cultural, mas também no das práticas sociais. No aspecto cognitivamente relevante, a linguagem articula uma pré-compreensão do mundo como um todo, partilhada intersubjetivamente pela comunidade linguística. Essa visão de mundo serve como recurso para modelos de interpretação partilhados. Discretamente, ela volta o olhar para direções relevantes, forma prevenções e cria assim o pano de fundo ou a moldura não-problemática para interpretações possíveis dos eventos intramundanos. Ao mesmo tempo, no aspecto relevante para a prática, a linguagem molda o caráter e a forma de vida de uma nação. Esse mundo da vida linguisticamente estruturado constitui o pano de fundo da prática cotidiana e marca o ponto de sutura onde a teoria social pode se anexar à teoria da linguagem.” (HABERMAS, 2004, p.73)

Habermas recorre à teoria de Humboldt para definir as funções da linguagem que, a saber, são três; "a função cognitiva de formar pensamentos e representar fatos; a função expressiva de exprimir sentimentos e suscitar sensações; por fim, a função comunicativa de comunicar algo, levantar objeções e produzir acordos.” (HABERMAS, 2004, p.65). Habermas (1989, p. 79) chama comunicativas as interações nas quais as pessoas envolvidas colocam-se de acordo para coordenarem seus planos de ação.

Em situações de interação com fins ao entendimento mútuo através da linguagem, os participantes da interação unem-se através da validade pretendida de suas ações de fala ou tomam em consideração os dissensos constatados. A busca pelo entendimento é o que distingue o agir comunicativo do agir estratégico. O agir comunicativo não está apoiado na racionalidade teleológica dos planos individuais de ação, mas na força racionalmente motivadora de atos de entendimento, portanto, numa

racionalidade que se manifesta nas condições requeridas para um acordo obtido de modo comunicativo (HABERMAS, 1990, p. 72).

A interação comunicativa através dos atos de fala realizados sem reserva coloca as orientações da ação e os processos de fala, talhados conforme o respectivo ator, sob os limites estruturais de uma linguagem compartilhada intersubjetivamente. Essas limitações impõem aos agentes uma mudança de perspectiva: os atores têm de abandonar o enfoque objetivador de um agente orientado para o sucesso, que deseja produzir algo no mundo, e assumir o enfoque performativo de um falante, o qual procura entender-se com uma segunda pessoa sobre algo no mundo. Com essa re-orientação eles têm acesso ao potencial das energias de ligação existentes na linguagem (HABERMAS, 1990, p. 74).

Qualquer acordo obtido de modo comunicativo depende de tomada de posição em termos de sim ou não com relação a pretensões de validade criticáveis. A dupla contingência a ser absorvida por cada interação assume, no caso do agir comunicativo, a forma precária de um risco de dissenso, sempre presente e embutido no próprio processo de entendimento; e todo dissenso implica grandes custos. As principais opções são as seguintes: simples trabalho de reparo; suspensão de pretensões de validade controversas, o que traz o definhamento do solo comum de convicções compartilhadas; passagem para Discursos dispendiosos e incertos; quebra da comunicação ou, finalmente, passagem para o agir estratégico (HABERMAS, 1990, p. 85).

A possibilidade de escolher entre agir comunicativo e agir estratégico é abstrata porque ela só está dada na perspectiva contingente do ator individual. Na perspectiva do mundo da vida a que pertence cada ator não é possível dispor livremente desses modos de agir, pois as estruturas simbólicas de todo mundo da vida reproduzem-se sob as formas de tradição cultural, da integração social e da socialização – e esses processos só podem efetuar-se por meio do agir orientado para o entendimento mútuo. Não há outro meio equivalente capaz de preencher essas funções. A escolha entre agir comunicativo e agir estratégico só está em aberto num sentido abstrato, isto é, caso a caso (HABERMAS, 1989, p.125).

Pode se imaginar os componentes do mundo da vida, a saber, os modelos culturais, as ordens legítimas, e as estruturas de personalidade como se fossem condensações e sedimentações dos processos de entendimento, de coordenação da ação e da socialização, os quais passam através do agir comunicativo. Os componentes do mundo da vida resultam da continuidade do saber válido, da estabilização de solidariedades grupais, da formação de atores responsáveis e se mantém através deles. A rede da

prática comunicativa cotidiana espalha-se sobre o campo semântico dos conteúdos simbólicos, sobre as dimensões do espaço social e sobre o tempo histórico (HABERMAS, 1990, p. 96).

A comunicação com vistas ao entendimento mútuo pode acontecer no nível do discurso. Ela se torna possível quando as pretensões de validade erguidas durante o agir comunicativo são problematizadas e se tornam objeto de uma controvérsia com base em argumentos. A partir daí os envolvidos na interação passam do agir comunicativo para outra uma forma especial de comunicação, denotada por uma práxis argumentativa em que além de desejarem convencer-se mutuamente, aprendem uns dos outros. (HABERMAS, 2004, p. 92).

A partir de pontos de vista procedurais as argumentações aparecem como processos de entendimento mútuo que são regulados de tal maneira que proponentes e oponentes possam, numa atitude hipotética e, liberados da pressão da ação e da experiência, examinar as pretensões de validade que se tornaram problemáticas. Neste plano estão pressupostos pragmáticos de uma forma especial de interação: o que é necessário para uma busca cooperativa da verdade, organizada como uma competição, assim como o reconhecimento da imputabilidade e a da sinceridade de todos os participantes (HABERMAS, 1989, p. 110).

A partir de aspectos processuais o Discurso argumentativo apresenta-se como um processo de comunicação que, em relação com o objetivo de um acordo racionalmente motivado, tem que satisfazer condições inverossímeis. No Discurso mostram-se estruturas de uma situação de fala que está particularmente imunizada contra a repressão e a desigualdade: uma forma de comunicação suficientemente aproximada de condições ideais (HABERMAS, 1989, p. 111).

As pressuposições da argumentação não são, apesar de contrafáticas, meros constructos, pois operam efetivamente no comportamento dos participantes da argumentação. Quem participa seriamente de uma argumentação adota faticamente tais pressuposições. Isso pode ser inferido das consequências que os participantes tiram de inconsistências percebidas. O procedimento de argumentação é autocorretivo no sentido de que as razões necessárias, por exemplo, uma liberalização “*pendente*” das normas de funcionamento e do regime de discussão, para a modificação de um círculo de participantes representativo, para uma ampliação da agenda ou para uma melhoria da base de informação resulta do próprio transcurso de uma discussão insatisfatória. (HABERMAS, 2007, p. 63)

### 3 COLABORAÇÃO E RIQUEZA NA SOCIEDADE EM REDE

A rede é um conjunto de nós interconectados deixo em aberto a sua morfologia, a natureza de seus laços e as suas fronteiras. Embora a análise de redes insista nas inter-relações estruturais que compõem a rede, ela não predefine a sua estrutura, a qual pode ser regular como um cristal, esquizóide como um rizoma ou complexa como uma nuvem. De modo similar, ela não predetermina as fronteiras e a natureza dos laços. As conexões podem ser globais ou locais, lineares ou complexas, densa ou esparsamente costuradas, firme ou flexivelmente demarcadas. As redes são concebidas como estruturas abertas que podem se expandir integrando novos nós enquanto se difundem pelo espaço. (VANDENBERGUE, 2010, p. 219)

Interconectando todos os indivíduos que se sentem preocupados com o estado do mundo em uma rede oculta, dispersa e virtual, que pode ocasionalmente se centrar e se manifestar como um "grupo em fusão", a rede global de redes trabalha como um poderoso meio para liquidar a "serialidade" do coletivo e interconectar os indivíduos em um grupo de ação consciente de si e capaz de ação coletiva comum, agora ou no futuro (VANDENBERGUE, 2010, p. 243).

É interessante observar a relação das redes sociais com a emergência e a generalização das formas de trabalho dito imaterial. A hegemonia do trabalho imaterial cria relações comuns e formas sociais comuns de um modo mais pronunciado do que nunca. Os produtos do trabalho imaterial são imediatamente sociais. A produção de comunicação, de relações afetivas e de conhecimento é capaz de expandir diretamente o campo de compartilhamento. Assim, casos singulares de processos de trabalho, condições produtivas, situações locais e experiências vividas coexistem com um "devenir comum" (HARDT e NEGRI, 2005, p. 436).

O que se produz é comum, e o comum que compartilha serve de base para a produção futura, numa relação expansiva em espiral. Isto pode ser mais facilmente entendido em termos do exemplo da comunicação como produção: só se comunica com base em linguagens, símbolos, ideias e relações compartilhadas, e os resultados da comunicação constituem novas imagens, símbolos, ideias e relações comuns. Essa relação entre a produção e o comum é fundamental para compreender as atividades sociais e econômicas. (HARDT e NEGRI, 2005, p.437).

Benkler (2006, p. 400) afirma que "a produção colaborativa emerge como sistema

técnico social, viável, para motivar e organizar as contribuições coletivas humanas por outros meios que não sejam os contratos e a compensação do mercado”. A produção colaborativa é a realização de uma atividade voltada para o comum. As redes de produção colaborativa da sociedade atual têm características participativas e horizontais, entre produtores e usuários, que são diferentes das relações entre produtores, mediadores e consumidores do modo de desenvolvimento industrial do capitalismo.

Benkler (apud SILVEIRA, 2005, p. 16) afirma que os commons tornam possível é um ambiente em que os indivíduos e grupos são capazes de produzir informação e cultura por conta própria. Isso cria condições para um papel substancialmente maior tanto para a produção fora do mercado quanto para a produção radicalmente descentralizada. Os commons são uma necessidade mínima em todo o ambiente virtual e de redes, pois apenas com estes haverá progresso das inovações sem que exista a dependência à manipulação dos que buscam restringir o progresso das inovações na intenção de direcionar seus próprios negócios.

Dar é "transferir voluntariamente algo que nos pertence a alguém de quem pensamos que não pode deixar de aceitar" (GODELIER, 2001, p. 22). Pode se relacionar os processos de produção colaborativa, de bens materiais ou imateriais à economia da dádiva, fora da economia de mercado onde os valores devem sempre estar em condições de serem transformados em mercadoria. A relação social da dádiva visa a intersubjetividade e contempla o vínculo social. O sistema do dom situa-se, portanto, no lado oposto do sistema mercantil.

A emergência de predominância de paradigmas antropológicos que aderem a outras formas de economia merece atenção, uma vez que estas modalidades contrapõem-se aos paradigmas economicista e utilitarista do capitalismo. No cenário das economias plurais, a economia da dádiva destaca-se como “pano de fundo”, pois apesar de se referir a setor não lucrativo, contempla o laço social e motiva atitudes solidárias, espontâneas e desprovidas de interesses capitalistas (GODBOUT, 1998).

Caillé (2002, p.65) diz que "a rede é o conjunto das pessoas com quem o ato de manter relações de pessoa a pessoa, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade [...] a partir da aposta no dom e na confiança". O que se verifica é que as redes da produção colaborativa são baseadas na confiança entre os seus participantes, confiança essa que é diretamente direcionada a economia da dádiva e sua tríplice obrigação: o dom de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2001).



Caillé (2002, p. 19) indica a existência de dois paradigmas anteriores ao paradigma do dom ou, como ele mesmo intitula: o terceiro paradigma. Estes paradigmas são referentes à forma como as ciências sociais tentam compreender a relações humanas. O primeiro paradigma - do indivíduo - faz uma verificação da sociedade a partir de baixo e tem o indivíduo como ponto de partida da explicação da totalidade social. O segundo paradigma - holístico - refere-se ao oposto, a uma análise a partir de cima, na busca de entender a sociedade a partir do todo. O terceiro paradigma - o dom - tenta compreender as relações sociais a partir da sua horizontalidade, em função do conjunto das inter-relações que ligam os indivíduos e os transformam em atores propriamente sociais. O dom ou a dádiva é considerado o agente selador das alianças humanas, que as simboliza, as garante e lhes dá vida.

A economia da dádiva pode ser observada, por exemplo, na forma como os cientistas elaboram para uso próprio a rede digital, com a proposta de compartilhar conhecimentos dentro de um espaço virtual único: a câmara comum dos intelectuais (BARBROOK, 2003, p. 140). O dar sem receber espalha-se com a web (a rede), fazendo seus usuários descobrirem facilidades e vantagens de compartilhar informação e conhecimento.

Barbrook (2003, p. 141) afirma que a liberdade de expressão é uma dádiva; e que a informação deve ser compartilhada e não para ser vendida como mercadoria. Ele acredita que todos aqueles que se usam a rede podem participar desta economia da dádiva “high tech”. Não se sabe qual será o futuro desses compartilhamentos na rede, mas percebe-se que essa economia virtual ainda está em expansão.

Outra forma de economia que também se afasta do modelo capitalista, dentro de uma economia plural, é a economia solidária. Seu aspecto central não é lucratividade, ou seja, a expressão máxima do lucro. As finanças solidárias visam operações pautadas no respeito pelos valores éticos, ligados a melhoria das condições de vida, contemplando perspectivas sociais e ecológicas.

No modo de produção capitalista privilegia-se a competição e a desigualdade, uma vez que existe uma classe de que possui o capital (proprietária) e a classe que vende sua força de trabalho aos proprietários do capital. Singer (2002, p. 10) explica que na economia solidária é um modo de produção “cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito a liberdade individual”. Nesse sentido, todos aqueles que produzem são possuidores iguais de capital, seja nas cooperativas ou em

sociedade econômica.

Lisboa (2005, p. 111) afirma que o que impulsiona o desenvolvimento da economia solidária são as novas formas de tecnologia existentes e a crescente afirmação das sociedades em rede. Isso acontece por que a rede é uma forma econômica que necessita de criatividade e trabalho coletivo, o que acaba por estimular formas de trabalho que possuam esta configuração. Além de promover a colaboração e a criatividade e fortalecer as redes de empresas, a economia solidária é considerada uma forma de sociedades enfrentarem desafios contemporâneos emergentes, afirmando uma economia vinculada diretamente à reprodução ampliada da vida de seus membros e não a serviço da lei do valor econômico.

O surgimento das economias plurais permite perceber cada vez mais a presença das redes colaborativas e produtivas, as quais têm a interação e a cooperação como condição para seu desenvolvimento. Caillé (2002) afirma que é necessário incentivar a expansão de atividades associativas, ou seja, atividades cooperativas que contribuam para o dinamismo da economia solidária.

#### **4 DISCURSO E GENEROSIDADE EM AMBIENTES WIKI**

A Internet caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, leituras, apropriações e usos. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação e a comunicação. Portanto, é um suporte de atividades cooperativas potencialmente em larga escala, organizadas no âmbito de comunidades interativas desenvolvedoras de softwares livres, produtoras de conteúdo como a Wikipédia ou simplesmente espaços relacionais como o Facebook (CARDON, 2008 apud MARTELETO, 2010, p. 32).

Os ambientes *wiki* são exemplos da emergência do modo de desenvolvimento informacional, que se potencializa na Internet através de práticas colaborativas realizadas sem forte acento capitalista de foco nos interesses do mercado (Benkler, 2006, p. 400). O'Reilly (2005) define este modo de práticas colaborativas na internet como *web 2.0*, cenário propício para a economia da dádiva por meio de interação, discurso e generosidade.

A família de ambientes Wiki é associada principalmente a Wikipédia, enciclopédia colaborativa, mas possui outras iniciativas importantes como Wikispecies<sup>1</sup> (destinado aos

---

<sup>1</sup> [http://species.wikimedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://species.wikimedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal)

cientistas e busca agregar as diferentes espécies), Wikitionary<sup>2</sup> (dicionário e tesouro em diversas línguas), Wikisource<sup>3</sup> (biblioteca livre, que possui um acervo digital de livros e textos fontes que estejam em domínio público ou possam ser usados livremente, de acordo com a licença Creative Commons) e Meta-wiki<sup>4</sup> (site sobre os vários projetos da Wikimedia Foundation).

O termo *wiki*, que vem do idioma havaiano e significa rápido/veloz, foi utilizado inicialmente por Ward Cunningham, autor do primeiro wiki, em 1995: o *Portland Pattern Repository* (<http://www.c2.com>). O objetivo dele era criar sistema no qual o conteúdo, o gerenciamento e a disseminação das informações pudessem ser feitos pelos próprios usuários do site:

Leuf e Cunningham definem o sistema Wiki como uma coleção livremente expansível de páginas *Web* interligadas em um sistema de hipertexto para armazenar e modificar informação - um banco de dados, onde cada página é facilmente ditada por qualquer usuário com um *browser*(...). O conteúdo pode ser editado e atualizado pelos usuários constantemente sem haver a necessidade de autorização do autor da versão anterior (BLATTMANN e DA SILVA, 2007).

Cunningham define princípios que ele considera inerentes aos ambientes *wiki*: (i) *simple* (usabilidade e interface adequadas para fácil manuseio); (ii) *open* (capacidade de o interagente promover modificações em textos e conteúdos incompletos); (iii) *incremental* (adicionar conteúdo por meio de hiperlink- citar páginas); (iv) *organic* (semelhante ao aberto: internauta pode contribuir para a evolução do conteúdo, inserindo informações e editando o que já estiver publicado – trata-se de uma ideia de constante modificação e construção); (v) *mundane* (textos mais frágeis e fragmentados tendem a citar páginas mais confiáveis e úteis); (vi) *universal* (qualquer escritor é editor e organizador neste processo horizontal); (vii) *precise* (a titulação da página deve ser realizada com cautela para evitar semelhanças com outras nomeações e confusão no momento de busca e recuperação); (viii) *observable* (qualquer visitante do site precisa ter a possibilidade de ver e rever as atividades); (iv) *Convergent* (existência de páginas semelhantes é indesejável e, portanto, algumas podem ser removidas ou redirecionadas).

Cunningham acrescenta três itens a serem considerados no processo dinâmico dos ambientes wiki: (i) Confiança (fator mais importante); (ii) Divertimento: o envolvimento e

---

2 <http://www.wiktionary.org/>

3 [http://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:P%C3%A1gina_principal)

4 [http://meta.wikimedia.org/wiki/Main\\_Page](http://meta.wikimedia.org/wiki/Main_Page)

a participação tendem a ser maiores quando há espontaneidade e aspectos lúdicos, em vez de obrigações e imposições; (iii) e Compartilhamento: ambiente de troca de informações, ideias e experiências. Embora o conceito de gratuidade não faça parte da sua lista, entende-se ser pertinente destacar que tais estruturas podem oferecer recursos e benefícios de forma gratuita.

Sunstein (2006, p. 149) afirma que os ambientes wikis são democráticos porque permitem que qualquer pessoa produza conteúdo. Os ambientes wikis são responsáveis por fazer dos usuários passivos da web criadores colaborativos de conteúdo. O saber coletivo é explorado em contraposição à visão tradicional do saber especializado. A riqueza de conteúdo trazida pela diversidade substitui os modelos tradicionais de produção individual. (RODAS, 2009, p. 102)

Outro fato que deve ser destacado é o wiki constitui lugar privilegiado para a autorrealização dos sujeitos através do reconhecimento intersubjetivo. A *estima social* derivada do reconhecimento do valor das contribuições individuais na produção coletiva evidencia a relevância da solidariedade e da inteligência em grupo:

Na sociedade moderna, as condições para a autorrealização individual só estão socialmente asseguradas quando os sujeitos podem experienciar o reconhecimento intersubjetivo não apenas de sua autonomia pessoal, mas também de suas necessidades específicas e capacidades particulares (Honneth, 2003, p. 189).

A constituição do eu, a integração social e a socialização são processos importantes relacionados às experiências discursivas do *eu* com os *outros* realizadas em rede. A rede tem uma dinâmica peculiar de validação de conteúdos: tudo o que é proposto é avaliado pelos participantes em interação. O que valida o conteúdo é sua qualidade, e não a autoridade formal de quem propõe. A relevância e a pertinência de determinado conteúdo são discutidas em rede, considerando aspectos de sinceridade, veracidade e correção, referindo-se respectivamente a questões subjetivas, objetivas e sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade em rede experimenta novas formas de produção de subjetividade e intersubjetividade nos processos de produção colaborativa e na economia da generosidade

ou dádiva. Benkler (2006, p. 23) destaca que a internet revoluciona a forma como se produz informação. Informação e comunicação constituem-se em um mesmo processo. A internet fornece incontáveis, fáceis e baratas plataformas de colaboração e oportunidades de solidariedade.

As formas colaborativas de produção representam e expressam modos inovadores de compartilhamento de ideias, indicando que é possível mobilizar pessoas por meio da comunicação para buscar a realização de propósitos comuns. Estas formas colaborativas de produção e de organização social estão se generalizando, e parecem se contrapor as formas de produção industrial e de organização burocrática.

Esta generalização das formas colaborativas de produção e organização evidencia o papel da linguagem, da informação e da comunicação na constituição da sociedade. Este processo indica o potencial emancipatório da linguagem. A construção de formas inovadoras de agir coletivo e produção de riquezas, que diferem daquelas formas dominantes do capital, fazem parte de um metabolismo econômico plural. É nesta brecha que emerge a economia da generosidade.

As redes sociais virtuais possibilitam e potencializam modos de usar a linguagem, interagir e trabalhar inovadores. A internet constitui uma esfera pública conectada, onde as redes sociais se produzem e reproduzem continuamente. A sociedade em rede cria assim uma dinâmica diferente de produzir informações e dialogar, em um processo de argumentação racional permanente. As redes virtuais e a internet facilitam a interação entre pessoas, a constituição de grupos e a auto-organização.

Os ambientes wiki são espaços privilegiados de interação, discurso e produção. Neles as pessoas interagem a partir de suas próprias referências e disponibilidades, compartilhando informações e argumentando. É esta dinâmica comunicacional que ao mesmo tempo faz emergirem informações, e processarem a sua validação. O que importa é a capacidade comunicacional dos participantes, e a qualidade do seu argumento. Há uma ruptura profunda com as noções meramente instrumentais e estratégicas da comunicação e da produção.

Os ambientes wiki são esferas públicas autônomas, onde são privilegiadas as interações mediadas pela linguagem relativamente livres as coerções do poder e do dinheiro. Se Habermas (1997, p. 92) considera que a esfera pública é uma rede de comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões, na qual os fluxos são sintetizados a ponto de se condensarem em opiniões enfeixadas em temas específicos,

cabe destacar a rede como espaço de controvérsia e discussão, capaz de contribuir para a formação racional da opinião e da vontade pública.

Os ambientes wiki são uma produção baseada na informação e na comunicação operadas de modo solidário e generoso. Cabe também destacar que nos ambientes wiki a subjetivação está claramente associada intersubjetividade. São as redes de colaboradores que produzem e ao mesmo tempo validam as informações, numa dinâmica comunicacional intensa. É o uso da linguagem que cria a identidade das redes de colaboradores, permitindo o seu reconhecimento e o discurso.

## 6 REFERÊNCIA

CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: MARTINS, Paulo Henrique. **A dádiva entre os modernos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 191-205

\_\_\_\_\_. Capital social, reconhecimento e dádiva. In: MARQUES, Ângela; MATOS, Heloiza (Orgs). **Comunicação e política: capital social, reconhecimento e deliberação pública**. São Paulo: Summus, 2011.

BENKLER, Yochai. **The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom**. USA: Yale University Press, 2006. 515p.

\_\_\_\_\_. **The Penguin and the Leviathan: how cooperation triumphs over self-interest**. New York: Crown Business, 2011.

CUNNINGHAM, W. Wiki design principles. Disponível em: <<http://c2.com/cgi/wiki?WikiDesignPrinciples>> Acesso em: 14 de dezembro de 2011.

GODBOUT, J & CAILLE, A. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

GODELIER, M. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

\_\_\_\_\_. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**, v. II. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Justificação: Ensaios Filosóficos**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. (2007). **Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HARDT, M. & NEGRI, T. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo, Editora 34, 2003.

LISBOA, A. de M. Economia Solidária e autogestão. **RAE**, n.3, p. 109-115, 2005

MARTELETO, Regina. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

RODAS, Leandro Cianconi de Paiva. Democracia e cidadania na web social: participação, colaboração e produção coletiva de conhecimento. Niterói, 2009. **Dissertação**, UFF, Programa de pós-graduação em ciência da informação.

SILVEIRA, S. A. **A mobilização colaborativa e a teoria da propriedade do bem intangível**. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em <<http://br.gnome.org/TeseSA/WebIndex>>. Acesso em 15 dez. 2011.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SUNSTEIN, Cass. Infotopia: how many minds produce knowledge. New York: Oxford University Press, 2006.

VANDENBERGUE, Frédéric. **Teoria social realista**: um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010.